

“SÓ AMO AQUILO QUE DE MIM FOGE”

Eugénio de Castro e a literatura portuguesa do fim-de-século

Matteo REI e Bruno ANSEMI MATANGRANO

*Em memória do professor Giancarlo Depretis,
cujos trabalhos tanto honraram a cultura portuguesa.*

Em um ano de tantas tristezas e incertezas sanitárias, políticas e económicas em escala local e global, o esforço de continuar e preservar o trabalho académico e intelectual, que traduz a importância das humanidades numa contemporaneidade cada vez mais voltada para o produtivismo, o utilitarismo e o imediatismo, faz-se evidente, necessário, crucial, como forma de resistência dos ideais humanistas difundidos e defendidos no contexto universitário e, em particular, no campo das letras ao qual a visão histórica e a sensibilidade artística demonstram vital importância para a apreensão e compreensão do contemporâneo. Com esta recolha de artigos, portanto, que recupera a lembrança do alegre momento de partilha e aprendizado de um mundo que há pouco mais de um ano era tão diferente, propomos um olhar para um passado recente, numa perspectiva transnacional, com o qual tanto podemos aprender para lidar com o mundo em crise dessa segunda década do século XXI.

As contribuições recolhidas nesta secção monográfica da revista *RiCognizioni*, portanto, apresentam o resultado final e o convite à continuação de uma atividade de diálogo e reflexão que teve início em novembro de 2019, por ocasião do *Colóquio Internacional sobre o Decadentismo e o Simbolismo na literatura portuguesa*, realizado na Universidade de Turim, sob o mote “Só amo aquilo que de mim foge”, verso schopenhaueriano do poeta português Eugénio de Castro (1869-1944) colhido em seu *Sagramor* (1895). Simbolizando o espírito da época em que tanto se prezava o cosmopolitismo e as trocas culturais, o evento que contou com pesquisadores de Itália, Portugal e Brasil, teve o intuito de comemorar o 150º aniversário de seu nascimento, figura central do movimento simbolista na pátria de Camões, em particular, e em língua portuguesa, em geral, cujo nome, não por acaso, está presente em muitos dos títulos dos artigos aqui reunidos, aparecendo ainda com bastante frequência nas páginas da maioria das demais contribuições.

A Castro, por exemplo, é inteiramente dedicada a intervenção de Maria João Reynaud, que recorda o seu papel fundamental no surgimento do Simbolismo em Portugal e aprofunda a análise da relação entre a sua obra e o subsequente Modernismo. Com efeito, segundo a autora, é justo reconhecer o papel do poeta como influente precursor da geração de *Orpheu*, ao lado de outras figuras-chave do Simbolismo lusitano que, nesse sentido, já foram amplamente valorizadas, como as de Camilo Pessanha (1867-1926), que chegou a ser convidado por Fernando Pessoa (1888-1935) a participar do terceiro número de sua revista, ou ainda Ângelo de Lima (1872-1921), que integrou o segundo volume.

Marta Pacheco Pinto também se detém sobre o autor de *Oaristos* (1890), reconstruindo, com meticulosa documentação, a relação de Castro com os estudos que se desenvolveram em Portugal, entre finais do século XIX e início do século XX, no contexto do Orientalismo. A autora concen-

tra-se, em particular, sobre a passagem do poeta pelo Curso Superior de Letras e sobre as relações pessoais mantidas com alguns importantes expoentes dos estudos orientais em terras lusitanas, como Guilherme de Vasconcelos Abreu (1842-1907) ou Francisco Maria Esteves Pereira (1854-1924).

Por sua vez, Maria de Jesus Cabral propõe uma leitura em *close reading* de duas obras castrianas, a recolha *Oaristos* e a peça *Belkiss*, nas quais analisa suas personae/personagens femininas. Em sua leitura, a pesquisadora analisa o veio schopenhaueriano tipicamente simbolista na construção do feminino, de modo a demonstrar, por exemplo, as pulsões da Vontade, conforme teorizadas pelo filósofo alemão, que regem as escolhas da rainha-título do texto dramático em questão ou das muitas mulheres que povoam seus versos. Tais pulsões expressam o “trágico” da existência da conjuntura finissecular e refletem a forma como o feminino já havia sido representado nos poemas melódicos de *Oaristos*, demonstrando, igualmente, a organicidade da obra do autor.

O autor de *Belkiss* também figura em dois estudos de panorâmicos de viés temático do contexto de produção literária da segunda metade do século XIX. No primeiro, de autoria de Matteo Rei, apresenta-se uma pesquisa sobre a figura de Nero no contexto finissecular, tecendo relações com a o contexto francófono, uma vez que os ecos de Théophile Gautier (1811-1872) e, em especial, de Gustave Flaubert (1821-1880) reverberam nos versos e prosas da paisagem literária lusitana do fim do século XIX. Sua análise, culmina, após passar pelas obras de Eça de Queirós (1845-1900), Teófilo Braga (1843-1924), Pinheiro Chagas (1842-1895), Gomes Leal (1848-1921) e nosso homenageado Eugénio de Castro, em análise dos belos versos de Roberto de Mesquita (1871-1923), demonstrando o alcance e forte presença da imagem do imperador romano na literatura portuguesa do período.

Já no estudo de Bruno Anselmi Matangrano, o leitor é conduzido por uma viagem através do tempo para verificar as transformações da imagem da serpente enquanto símbolo, desde a Grécia Antiga e o pensamento Bíblico, para verificar de qual maneira os poetas finisseculares, e, em particular, os lusófonos, ressignificaram-na em uma atitude que tanto suscita um diálogo, quanto uma transgressão, para com a tradição. Através da análise de autores tais como os portugueses Pessanha e Eugénio de Castro, os brasileiros Cruz e Sousa (1861-1898) e Alphonsus de Guimaraens (1870-1921), o belga Iwan Gilkin (1858-1924) e o francês Charles Baudelaire (1821-1867), cuja força simbólica impacta fortemente seus sucessores, demonstra-se como a imagem da serpente tornou-se o signo do feminino por excelência nessa conjuntura, povoando mais de uma centena de poemas de línguas portuguesa e francesa.

Por outro lado, se, como Pacheco Pinto demonstra em seu extenso estudo, a fuga em direção ao exotismo orientalista representa uma tendência difundida e fecunda no contexto do final do século, não menos feliz é, naqueles mesmos anos, a ideia de decadência moral e espiritual da sociedade da época, à qual o escritor e intelectual Jaime de Magalhães Lima (1859-1936), objeto da atenção de Giorgio de Marchis, contrapõem com seu “neofranciscanismo rigoroso e intransigente”. A esse respeito, o estudioso italiano observa que o empenho de Lima para difundir o tolstoísmo e a literatura russa em seu próprio país estão associados à necessidade de reagir à decadência moral e física ligada à vida nas grandes cidades modernas, em confluência ao espírito decadente que inspirou tanto o francês J.-K. Huysmans (1848-1907) quanto o próprio Eça de Queirós. Uma reação que, no caso de Lima, porém, de forma bastante surpreendente, corresponde também à condenação da atividade desportiva (em particular, ao nascente ciclismo) que é equiparada a “uma espécie de demência”.

Nosso dossiê se encerra, mantendo-se no contexto das coordenadas histórico-culturais em que se insere a gênese do Simbolismo português, com o intervenção de Piero Ceccucci, no qual o pesquisador demonstra o papel desempenhado, neste contexto, pela obra de Cesário Verde, enquanto um dos primeiros, em Portugal, a assimilar e retrabalhar ideias e motivos presentes na poe-

sia de Baudelaire, reforçando a presença francesa na literatura lusitana finissecular comentada nos trabalhos de Cabral, Rei e Matangrano, relação amplamente atestada em um contexto crítico, sobre o qual a contribuição de Ceccucci se detém oportunamente.

Espera-se, assim, que o conjunto desses trabalhos fomente discussões vindouras sobre a importância e permanência dos pensamentos e ideais difundidos no fim do século XIX na sociedade portuguesa, em reverberação às inovações estético-culturais e sociais que transformam as culturas ocidentais no momento que antecede o Modernismo e as poéticas de vanguarda. Ao mesmo tempo, essa publicação convida a pensarmos em outros centenários, recuperando a memória de tantas outras personalidades literárias, que nesse 2021, urgem ser igualmente homenageados e lembrados, como, para citarmos apenas alguns, Baudelaire, Flaubert, Ângelo de Lima, Gomes Leal e Alphonse de Guimaraens.

Entre Turim e São Paulo, abril de 2021

NOTA: A imagem que abre este dossiê reproduz o quadro *L’eterna ricerca di Narciso* (1985) de Pablo Luis Ávila e pretende ser uma homenagem ao seu autor e ao saudoso colega e amigo Giancarlo Depretis. Gostamos também de associar idealmente o conteúdo desta secção da revista às notas de *Interlunio*, do cantor e compositor Senatore Cirenga, uma canção que foi buscar a sua inspiração no poema *Belkiss* do aqui homenageado Eugénio de Castro.